

Na casa de Machado de Assis

Por Diony Maria Soares¹



A atriz Débora Almeida, formada em Interpretação Teatral pela Unirio, iniciou sua carreira em 1994. De lá para cá, já atuou em inúmeros espetáculos de teatro, bem como em programas de TV e no cinema.

Uma questão de gênero deu o tom do *IV Seminário Inserção e Realidade* que aconteceu entre os dias 25 e 27 de janeiro de 2011, na sede da Academia Brasileira de Letras, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Integrante do *IV Festival de Música Dança e Cultura Afro-Brasileiras*, a programação inicial do seminário não contemplava palestrantes mulheres.

Desgostosos como essa “ausência”, a professora Lydia Garcia, a produtora cultural Adriana Gonçalves e o designer gráfico Luiz Carlos Gá,

¹ Doutoranda do Proped/UERJ. Bolsista PROEX/Capes.

desencadearam uma negociação com a produção do evento que resultou na inclusão de mulheres negras na composição das mesas.

Esse festival afro é organizado pelo ator Milton Gonçalves desde 2007. O evento inclui debates, oficinas e espetáculos. A Petrobras patrocina. Todas as atividades são gratuitas. Nesta quarta edição, foram debatidos os seguintes temas: 1) *O negro na literatura*; 2) *Repensando o negro*; 3) *O negro e as artes cênicas*.

Iléa Ferraz, artista multimídia que atua, canta, dirige, escreve, produz, ilustra, cria e executa projetos cenográficos, passou a compor a mesa sobre artes cênicas. Iléa Ferraz é também a primeira atriz negra indicada para receber, na categoria de melhor atriz, o principal prêmio de teatro brasileiro, o Prêmio Shell.

A atriz iniciou a sua palestra lendo um poema de Conceição Evaristo, a mais emblemática escritora negra brasileira nos dias atuais. Em dezembro de 2010, Conceição Evaristo foi uma das principais representantes da delegação brasileira que participou em Dakar, no Senegal, do *III Festival Mundial de Artes Negras*. Em agosto de 2011, ela vai ser uma das homenageadas no *V Seminário Internacional Mulher e Literatura* promovido pela Universidade de Brasília (UnB).

A saudação de Iléa Ferraz no evento no Rio de Janeiro contemplou também várias artistas negras em destaque na cena atual do Brasil. Entre elas, Débora Almeida e Elisa Lucinda, bem como as “musas/divas” Zezé Mota, Ruth de Souza e Léa Garcia.

O episódio me fez lembrar algumas proposições de Boaventura Souza Santos (2008). Para esse autor, a produção social da não-existência resulta na subtração do mundo, na contração do presente e no desperdício da experiência. Sendo assim, uma das frentes da sociologia das ausências é a identificação do âmbito dessa subtração do mundo.

Segundo Boaventura, são vários os processos que constroem a não-existência. Um deles é a lógica da classificação social que distribui as populações por categorias que naturalizam hierarquias e diferenças. As principais manifestações advindas da lógica da hierarquização social são a classificação racial e a classificação sexual.

No Brasil, por exemplo, inúmeros estudos apontam que a representação de mulheres negras em veículos hegemônicos de comunicação é escassa. É “natural” que um indivíduo que ocupa o último lugar no ranking classificatório social ocupe o menor espaço possível em veículos hegemônicos de representação.

Mas voltemos ao festival afro realizado no Rio de Janeiro. Como já citado acima, uma das características da produção da não-existência é o desperdício da experiência. Ou seja, a despeito da produção criativa no processo cultural social, dependendo da sua classificação hierárquica, um indivíduo pode nunca ser visto como presente.

Diante disso, a focalização dos movimentos feitos à revelia do carimbo da ausência permanente é uma perspectiva de contra-hegemonia. A desconstrução do processo de ausência desloca os sentidos por intermédio de um *querer poder*. Para ver e ouvir, não basta olhos e ouvidos. É preciso *querer poder* ver e ouvir.

Sendo assim, a meu ver, o foco na presença das mulheres negras – inusitado, sob certa ótica - foi o acontecimento deste *IV Festival de Música Dança e Cultura Afro-Brasileiras*. Um acontecimento que fez jus à saudação ao evento feita pelo diretor de espetáculos, apresentador e jornalista Haroldo Costa: “a possibilidade de estarmos na casa de Machado de Assis, falando sobre as nossas coisas”.

O fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, nunca é demais lembrar, era afro-brasileiro, neto de escravos alforriados. Menino pobre, nascido no Morro do Livramento, localizado próximo à zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, Machado de Assis teve somente uma breve educação formal irregular e começou a trabalhar no início da adolescência.

REFERÊNCIAS:

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez. Coleção para um novo senso comum. V. 04. 2008.